O agronegócio é o seguinte:

Prata da casa

O leitor de AGROANALYSIS já deve estar acostumado a ler nas nossas páginas que a agricultura brasileira é extremamente competitiva, capaz de disputar mercado em ótimas condições com outros países produtores, em várias cadeias de agronegócios.

Claro que nos referimos à agricultura comercial, profissionalizada, que emprega tecnologia de ponta, cujos dirigentes – muitos dos quais nossos leitores – já compreenderam que sem informação não há saída no mundo competitivo em que vivemos.

Mas há ainda a pequena produção agropecuária, assim mensurada conforme a renda gerada. No passado era comum o equívoco de associar o tamanho da propriedade ao porte do estabelecimento. Hoje está claro que a variável relevante é a renda gerada por unidade de área. A realidade da grande maioria dos estabelecimentos agropecuários brasileiros, independentemente da área ocupada ou das condições legais de uso da terra, é a agricultura de baixa renda.

Não se pode dizer que a agricultura de baixa renda não é competitiva. É competitiva, mas à custa de inadequada remuneração dos fatores de produção. É, em grande parte, dessa agricultura que vazam para as cidades os pobres que ocupam e incham as zonas periféricas urbanas. Também é verdade que eventuais avanços tecnológicos poupadores de mão-de-obra na agricultura comercial contribuem para engrossar esse caldo de pobreza rural e urbana.

O que fazer, já que a pobreza de muitos brasileiros prejudica a qualidade de vida de todos, sem falar da questão humanitária? Há exemplos no Brasil e no mundo de inúmeras iniciativas bem-sucedidas de combate à pobreza. Mas o fracasso retumbante de várias outras iniciativas, a própria persistência da pobreza e o crescimento do número de pessoas vivendo abaixo da linha de subsistência demonstram que o problema é de enfrentamento extremamente complexo. São vultosos os grandes vazamentos entre os recursos empregados e a parcela que chega ao destino final. Nos anos 80, no Nordeste brasileiro, apenas 20% dos recursos empregados no Plano Rural de Desenvolvimento Integrado chegaram a seus destinatários.

O Banco Mundial promove há três anos o Development Market Place, programa que contempla idéias potencialmente capazes de minorar a pobreza rural. Há dois anos, a equipe do Centro de Estudos Agrícolas da FGV (*veja matéria completa no Agrodrops desta edição*) foi premiada pelo banco ao elaborar um projeto de Consórcios e Condomínios Rurais de Trabalhadores Sem Terra para Arrendamento e Parcerias. O projeto foi desenvolvido ao longo de 2001 e destacado pelo banco como um dos oito que alcançou desempenho ótimo no desenho e implantação.

O prêmio nos enche de justa vaidade. E, esperamos, deve motivar a todos a desenvolver formas criativas e eficazes de minorar a pobreza, o que precisa tornar-se objetivo estratégico do país.

